

EM DEFESA DA DITADURA DO PROLETARIADO, DO CENTRALISMO DEMOCRÁTICO E CONTRA O OPORTUNISMO NA LUTA POLÍTICA

"Um partidarismo rigoroso é um fenômeno que acompanha e é resultado de uma luta de classes altamente desenvolvida. E inversamente, no interesse de uma luta de classes aberta e ampla é necessário o desenvolvimento de um partidarismo rigoroso. É por isso que o partido do proletariado consciente, a social-democracia, luta sempre, com toda a razão, contra o sem-partidarismo e trabalha firmemente para criar um partido socialista operário conseqüente do ponto de vista dos princípios e solidamente coeso. Esse trabalho tem êxito entre as massas na medida em que o desenvolvimento do capitalismo cinde cada vez mais profundamente todo o povo em classes, agudizando as contradições entre elas". (Lênin. O Revolucionarismo Sem Partido, p. 285)

Comitê Central

Partido Comunista Revolucionário

Brasil, 16 de janeiro de 2000

UM BALANÇO DO II CONGRESSO DO PCR

Em Defesa da Ditadura do Proletariado, do Centralismo Democrático e contra o Oportunismo na Luta Política

Camaradas!

Já temos dados suficientes, aliás mais que suficientes, para chegarmos a uma conclusão sobre que política seguir e o que fazer; sobre o que queremos e o que pretendemos ser.

Conhecemos o capitalismo e o socialismo e sabemos diferenciar esses dois regimes. Sabemos para onde marcha o mundo e que futuro espera a humanidade debaixo do capitalismo. De maneira alguma, é esse o futuro que desejamos.

Somos, pois, diferentes dos que se recusam a admitir a realidade tal como ela é. Enquanto esses abriram mão do marxismo-leninismo, nós o resgatamos e o definimos como a base ideológica, teórica e política do nosso Partido. Foi assim que tudo começou e foi assim que chegamos onde chegamos.

Conhecemos também as várias correntes que se colocam na oposição a esse regime e a essa situação. Sabemos quais são suas concepções, suas idéias e até onde vão, ou seja, lutam por um "aperfeiçoamento" do capitalismo. Tivemos a felicidade de conviver intimamente com elas, portanto não podemos alegar surpresas.

Assim, entre nós, não pode e nem deve haver passos atrás na defesa do marxismo-leninismo e do compromisso de levá-lo à prática. Volta então a pergunta: o que queremos ser e por quê lutamos? Não cabe meia resposta. Temos que ser honestos conosco e com os que nos seguem.

O pior que podemos fazer hoje é subestimar a luta de classes. É subestimar o sofrimento do nosso povo e dos povos de todo o mundo. Em outras palavras, fugir à nossa responsabilidade. A responsabilidade de ser um militante comunista, um membro do Partido Comunista Revolucionário e de preparar o proletariado e as massas populares para os combates que se avizinham contra a burguesia, contra os exploradores.

O Partido é uma organização de revolucionários. Uma organização de homens, mulheres e jovens que têm como profissão fazer a revolução. Mas não qualquer revolução e sim a Revolução Proletária, ou seja, derrubar revolucionariamente o regime burguês e implantar a ditadura do proletariado.

Não há nem pode haver profissão que honre mais um homem que essa, a de libertar os trabalhadores e o povo da exploração e do sofrimento e construir aqui na terra o paraíso. Por isso mesmo, todo comunista deve orgulhar-se da profissão que tem, zelar pela unidade e pela coesão do seu Partido e defender a sua ideologia, a ideologia comunista. E não há profissional eficiente que não aquele que se dedique

de corpo e alma a sua profissão. Uma organização revolucionária é, assim, uma organização de profissionais da revolução.

Dizemos tudo isso porque não nos parece que algumas confusões surgidas sobre questões que julgávamos já resolvidas entre nós durante o nosso II Congresso sejam apenas confusões. Afinal, a Ditadura do Proletariado e o Centralismo Democrático são dois princípios essenciais da doutrina marxista. Alguém não pode absolutamente se considerar um comunista se não os compreende, se não os defende ou se acha que é algo para as calendas gregas.

Julgávamos ainda que, pelo menos no Comitê Central, tínhamos as mesmas opiniões. Afinal, todos os documentos do CC para o II Congresso foram aprovados por unanimidade no próprio Comitê Central. De repente, para nossa surpresa, no ponto da juventude, o camarada Fernando, membro do CC, lançou-se furiosamente contra o informe do Comitê Central e contra nossa concepção de trabalho na juventude. Apresentou ele teses que são, no fundamental, as mesmas defendidas no início deste século, em 1902, pelos "economistas" e oportunistas russos. Tratemos, portanto, dessas "confusões".

1- A Ditadura do Proletariado

"Pode-se dizer, sem exagero, que (a ditadura do proletariado) é a questão principal de toda a luta de classe proletária. Por isso é necessário determo-nos nela com atenção". (Lênin. A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky, t. 5, p. 12)

Em nosso Documento 4, A Revolução Brasileira, afirmamos, citando Lênin, que "A ditadura do proletariado é a questão essencial do marxismo". Como sabemos, o documento 4 foi aprovado por unanimidade também no Congresso. Portanto, aparentemente, todos estamos de acordo com essa afirmação. Aparentemente porque alguns companheiros, em suas intervenções no ponto de juventude, disseram que: "não devíamos defender a ditadura do proletariado junto à juventude, porque isso poderia espantá-la. E o que nós queremos é nos aproximar das massas". Argumentaram ainda que "não podemos defender a ditadura do proletariado porque isso vai engessar a juventude".

Em outras palavras, pede-se que deixemos de ser marxistas. Pois não se pode ser um marxista e não defender a questão essencial do marxismo, a ditadura do proletariado ou, no mínimo, pretender-se que não se eduquem os jovens que ingressam nas fileiras da União da Juventude Rebelião com base nesse princípio essencial do marxismo.

Não é novidade, porém, que no movimento comunista e nos Partidos Comunistas apareçam companheiros que, defensores de um "trabalho amplo", proponham tais aberrações. Alguns levaram tal preocupação ao extremo, chegando mesmo a propor que os comunistas não chamassem seus Partidos de comunistas. Não é, assim, uma questão nova. Toda vez que o movimento revolucionário cresce e

ameaça os governos dos exploradores, dos capitalistas, estes buscam de todas as formas manter sua dominação. Como bem analisou Lênin:

"O crescimento do movimento revolucionário do proletariado suscitou os esforços convulsivos da burguesia e dos seus agentes nas organizações operárias para encontrar argumentos ideológico-políticos para defender a manutenção da dominação dos exploradores. Entre esses argumentos destaca-se a condenação da ditadura e a defesa da democracia... Esse argumento utiliza os conceitos de "democracia em geral" e de 'ditadura em geral' sem colocar a questão de qual a classe de que se trata".(Lênin. I Congresso da Internacional Comunista)

Passemos, então, a palavra, primeiramente, a Engels, e, em seguida, a Marx, na esperança que, de uma vez por todas, eles esclareçam a questão do Estado e da Ditadura do Proletariado:

"...como o Estado nasce da necessidade de reprimir as contradições das classes, mas como nasce, ao mesmo tempo, no meio dos conflitos dessas classes, ele é regra geral, o Estado da classe mais poderosa, daquela que domina do ponto de vista econômico e que, graças a ele, se torna também a classe politicamente dominante e adquire assim novos meios para dominar e explorar a classe oprimida. Não só o Estado antigo e o Estado feudal foram os órgãos de exploração dos escravos e dos servos, mas "o Estado representativo moderno (Engels refere-se ao Estado burguês) é o instrumento da exploração do trabalho assalariado pelo capital..."(Engels. A Origem da Família, da Propriedade e do Estado)

Agora, vejamos Marx:

"No que me diz respeito, não me cabe o mérito de ter descoberto nem a existência de classes na sociedade moderna nem a luta entre elas... O que eu fiz de novo foi o seguinte: 1) demonstrar que a existência das classes só está ligada a fases do desenvolvimento histórico da produção; 2) que a luta de classes conduz necessariamente à ditadura do proletariado; 3) que esta mesma ditadura não é mais que a transição para a abolição de todas as classes e para uma sociedade sem classes..." (Marx. Carta a Weydemeyer)

E ainda Marx:

"...Entre a sociedade capitalista e a sociedade comunista coloca-se o período de transformação revolucionária daquela nesta, ao qual corresponde um período de transição política em que o estado não poderá ser senão a

ditadura revolucionária do proletariado..." (Marx. Crítica ao Programa de Gotha)

Agora, vejamos o que nos diz Lênin, em sua intervenção no I Congresso da Internacional Comunista:

"A história ensina que nunca nenhuma classe oprimida alcançou a dominação nem podia alcançar a dominação sem passar por um período de ditadura, isto é, de conquista do poder político e de repressão violenta da resistência mais desesperada, mais raivosa, que se não detém perante nenhum crime, que os exploradores sempre opuseram. A burguesia, cuja dominação é hoje defendida pelos socialistas que falam contra a 'ditadura em geral' e defendem a 'democracia em geral', conquistou o poder nos países avançados à custa de uma série de insurreições, de guerras civis, da repressão violenta dos reis, dos senhores feudais, dos senhores de escravos e das suas tentativas de restauração. Os socialistas de todos os países, nos seus livros e brochuras, nas resoluções dos seus congressos e nos seus discursos de agitação, explicaram milhões e milhões de vezes ao povo o caráter de classe dessas revoluções burguesas, dessa ditadura burguesa. Por isso a atual defesa da democracia burguesa sob a forma de discursos acerca da 'democracia geral' e os atuais berros e gritos acerca da 'ditadura em geral' constituem uma manifesta traição ao socialismo, a passagem efetiva para o lado da burguesia, a negação do direito do proletariado à sua revolução, proletária, a defesa do reformismo burguês precisamente no momento histórico em que o reformismo burguês fracassou em todo o mundo e em que a guerra criou uma situação revolucionária". (Lênin. I Congresso Da Internacional Comunista)

Continua Lênin:

"O principal, que os socialistas não compreendem e que constitui sua miopia teórica e os torna cativos dos preconceitos burgueses, que constitui a sua traição política em relação ao proletariado, é que na sociedade capitalista, perante um recrudescimento minimamente sério da luta de classes que lhe está na base, não pode haver nada de intermédio entre a ditadura da burguesia e a ditadura do proletariado. Qualquer sonho com uma terceira via é uma lamentação reacionária de pequeno burguês. Isso é testemunhado tanto pela experiência de mais de cem anos de desenvolvimento da democracia burguesa e do movimento operário em todos os países avançados como particularmente dos últimos cinco anos". (Lênin. Obra citada.)

E ainda Lênin:

"A ditadura do proletariado tem de semelhante com a ditadura das outras classes o fato de que ela é provocada, como qualquer ditadura, pela necessidade de reprimir pela violência a resistência da classe que perde a dominação política. A diferença fundamental entre a ditadura do proletariado e a ditadura das outras classes a ditadura dos latifundiários na idade média, a ditadura da burguesia em todos os países capitalistas civilizados consiste em que a ditadura dos latifundiários e a ditadura da burguesia foi a repressão violenta da resistência da imensa maioria da população, a saber, dos trabalhadores. Pelo contrário, a ditadura do proletariado é a repressão violenta da resistência dos exploradores, isto é de uma minoria insignificante da população, os latifundiários e os capitalistas". (Lênin. Obra citada.)

Finalizando, diz Lênin:

"Entre o proletariado e a burguesia existe ainda uma classe de pessoas que se inclinam ora para um lado, ora para outro; assim foi sempre e em todas as revoluções, e é absolutamente impossível que na sociedade capitalista, em que o proletariado e a burguesia formam dois campos hostis, não existam entre eles camadas intermediárias. A existência desses elementos vacilantes é historicamente inevitável, e, infelizmente, tais elementos que não sabem eles próprios de que lado irão combater amanhã existirão durante bastante tempo". (Lênin. Obra citada.)

De fato, é uma infelicidade. Mas, para nossa felicidade, vemos depois de todos esses esclarecimentos de Engels, Marx e Lênin que não só é perfeitamente possível explicar às massas, sejam elas da juventude, operárias, camponesas, intelectuais etc., que a tão propalada democracia burguesa não passa de uma ditadura da burguesia, ou seja, ditadura de uma ínfima minoria sobre a grande maioria da população, e que a ditadura do proletariado é, pela primeira vez, a democracia para os pobres, para os trabalhadores e ditadura apenas para os ricos, para os capitalistas para os exploradores. Por outro lado, a democracia burguesa é democracia apenas para uma reduzidíssima minoria, democracia para os ricos e a mais feroz ditadura para os trabalhadores e todo o povo.

As dificuldades que temos no nosso trabalho entre as massas, nós não as resolveremos nos curvando aos preconceitos burgueses e à ignorância. Portanto, em vez de abandonarmos, mesmo que seja por um tempo, a defesa da ditadura do proletariado entre a juventude revolucionária, devemos, isto sim, explicar milhões e milhões de vezes em nossos panfletos, em livros, em nosso trabalho de agitação, o caráter de classe da democracia burguesa, ou seja, democracia para os latifundiários e capitalistas e violenta ditadura contra o povo; e que, ao contrário, a ditadura do

proletariado é a democracia para os trabalhadores e para os pobres e ditadura, apenas, para os exploradores.

Em outras palavras, para formar jovens revolucionários é necessário lutar contra os preconceitos burgueses, educá-los no marxismo e, principalmente, conduzi-los a uma luta conseqüente contra seu inimigo, a burguesia. Não é à toa que Lênin considerou a disciplina rigorosíssima, verdadeiramente férrea, no Partido, uma das condições fundamentais do êxito dos bolcheviques, e justificou, assim, a necessidade da ditadura do proletariado:

"A ditadura do proletariado é a guerra mais abnegada e mais implacável da nova classe contra um inimigo mais poderoso, contra a burguesia, cuja resistência é decuplicada pelo seu derrubamento (ainda que só num país) e cujo poderio reside não só na força do capital internacional, na força e na solidez das relações internacionais da burguesia, mas também na força do costume, na força da pequena produção. Porque, infelizmente, resta ainda no mundo muito, muitíssimo pequena produção, e a pequena produção gera capitalismo e burguesia constantemente, a cada dia, a cada hora, de forma espontânea e numa escala maciça. Por todas essas causas, a ditadura do proletariado é necessária, e a vitória sobre a burguesia é impossível sem uma guerra prolongada, tenaz, desesperada, de vida ou de morte; uma guerra que exige tenacidade, disciplina, firmeza, inflexibilidade e unidade de vontade." (Lênin. Obras Escolhidas, t. 5)

2- O Centralismo Democrático

Da mesma forma e pelos mesmos motivos que a burguesia ataca a ditadura do proletariado, ataca também o centralismo democrático. Esses ataques às vezes surtem efeitos em alguns companheiros, isto é inegável.

Prova disso é o ataque realizado por alguns companheiros contra a aplicação do princípio do centralismo democrático à Juventude Rebelião, ou seja, numa organização juvenil revolucionária e dirigida pelo Partido Comunista Revolucionário. Acreditam eles que, por se tratar de uma organização de jovens, embora jovens revolucionários, eles, provavelmente, vão escolher não o centralismo democrático, mas a "democracia em geral". Já que é assim, pensam, nos adiantemos a eles e esqueçamos o centralismo democrático, pelo menos por um tempo. Não passa pelas cabeças dos companheiros que a juventude revolucionária prefira o centralismo democrático, que considere esse princípio muito mais democrático que essa tal "democracia em geral".

Vejamos o que diz nosso Documento 3, os Estatutos do nosso Partido, mais precisamente em seu artigo 12 ao explicar o que significa o centralismo democrático:

1 - Eleição de todos os organismos dirigentes, de baixo para cima;

- 2- prestação de contas periódicas dos organismos dirigentes ante as respectivas organizações que o elegeram;
- 3 - subordinação da minoria à maioria e disciplina rigorosa;
- 4- caráter estritamente obrigatório das decisões dos organismos superiores para os organismos inferiores.

É possível que alguma organização, mesmo que juvenil, se diga revolucionária e não adote ou se recuse a adotar esses princípios do centralismo democrático? Absolutamente não.

E, caso essa organização de jovens revolucionários recuse esses princípios, quais os que deveria adotar? Seria a "democracia em geral"? Mas que democracia, de que classe?

Se não adotar a eleição de baixo para cima, então como seria a eleição de seus dirigentes, de cima para baixo?

Se não adotasse a prestação de contas ante os que os elegeram, ou seja ante as massas, as assembléias, ou aos seus membros, então como seria: não prestar contas ou, se prestar, a quem ?

Se não concordasse que a minoria deve subordinar-se à decisão da maioria, então como seria, a anarquia? Cada um por si e Deus por todos ?

Como seria numa greve? A maioria decidiu a greve, um organismo superior, a assembléia-geral, por exemplo, decidiu a greve, mas fica a critério de cada um cumprir ou não a decisão? É assim? Ou é obrigatório cumprir a decisão? É democrático, por acaso, a minoria insurgir-se contra a maioria? Se é, por que lutamos contra a ditadura da minoria burguesa e defendemos a ditadura da maioria, a ditadura do proletariado para toda a sociedade? E vejam que nós estamos aqui discutindo a adoção do centralismo democrático numa organização de jovens revolucionários que se propõe a ser, e sem dúvida já é, o embrião da organização da juventude comunista de nosso Partido. A verdade é que, quanto mais as massas e, principalmente, sua vanguarda, aprenderem, viverem e se organizarem com base nesse princípio, mais próximos estaremos de derrubar a ditadura da burguesia e estabelecer a verdadeira democracia.

Camaradas!

Também aqui temos um contrabando ideológico. O que levou alguns companheiros a se chocarem contra o centralismo democrático não foi que eles não conheciam o que é o centralismo democrático, que não leram os estatutos ou coisa que o valha. O que fez esses companheiros chocarem-se contra a democracia proletária, defenderem a "livre democracia" e darem gritos pela "democracia em geral" foi a influência da ideologia burguesa sobre eles. Sendo mais preciso, foi um desvio pequeno-burguês.

De fato, o centralismo democrático é um dos alvos principais da burguesia e, diante dele, a pequena burguesia sempre tremeu e nunca disfarçou seu incômodo.

Para semear a confusão, trata o centralismo democrático como duas partes separadas: uma, o centralismo, que chama de ditadura ou autoritarismo; outra, a democracia, com a qual concorda. Mas o centralismo democrático é um todo indivisível. Lênin sempre formulou o centralismo democrático não como dois princípios diferentes e sim como partes de um todo. O que aprendemos sobre dialética é suficiente para, sem grande esforço, compreendermos essa questão, ou seja, trata-se de uma unidade contraditória.

É bom lembrar que toda vez que um Partido Comunista ou uma organização revolucionária (mesmo que da juventude), deixou de lado esse princípio, o que o substituiu foram a anarquia, a diluição e a frouxidão. Em outras palavras, substituiu-se a ideologia proletária pela ideologia burguesa, já que a terceira via, como disse Lênin, não passa de um sonho pequeno-burguês.

Camaradas! Uma tarefa fundamental dos comunistas é educar e instruir as massas, mas alguns preferem semear a confusão. Talvez porque possam, assim, esconder melhor suas vacilações. De maneira nenhuma os comunistas defendem uma democracia para eles e outra para as massas. Por isso mesmo, nós, comunistas, não podemos e nem devemos, nem por um segundo, quanto mais por dias, semanas ou meses, abrir mão de defender, principalmente numa organização revolucionária que o nosso Partido dirige, o centralismo democrático. Já basta a burguesia para atacar e semear confusão.

3- Sobre as Confusões no Trabalho do Partido na Juventude

Já dissemos, que o Documento 4, A Revolução Brasileira, foi aprovado por unanimidade por nosso II Congresso. Como sabemos, nele consta: O Trabalho do Partido na Juventude. Não houve, absolutamente, nenhum camarada que se dissesse contrário ao que ali está escrito. Pelo contrário, aprovaram em todas as reuniões e em todas as conferências realizadas antes do II Congresso. Alguns, inclusive, juraram estar de total e pleno acordo. Queriam, apenas, acrescentar algumas frases. Porém, mal começaram a explicar que acréscimos eram esses e já se percebia que estavam em desacordo com o documento. Como todos disseram ter lido o documento e, em particular, esse ponto sobre o trabalho da juventude, trata-se ou de confusões ou de oportunismo na luta política. Vejamos o que está escrito no documento 4 e com que esses camaradas disseram concordar, aprovaram e, ao mesmo tempo, atacaram:

"Os comunistas, compreendendo a importância da juventude para a revolução proletária, devem dedicar grande atenção ao trabalho entre os jovens. E esse trabalho deve ser no sentido de instruí-la, esclarecê-la e educá-la nas idéias de Marx, Engels, Lênin, Che e no marxismo-leninismo. Transformar a juventude numa juventude revolucionária é o objetivo do trabalho do Partido entre os jovens. Para alcançar esse objetivo devemos empregar nossas energias para que a juventude tenha uma concepção do

mundo científica coerente com a ideologia do proletariado, com o comunismo, que a juventude conheça em profundidade o marxismo e que todo esse esforço teórico esteja vinculado a uma prática revolucionária.

Como sabemos, a juventude, e em particular os estudantes, não vive à margem da sociedade e das classes que nela existem, e assim, a divisão de classes, a divisão de partidos e correntes políticas que existem na sociedade manifestam-se também entre a juventude, entre os estudantes. Não há motivo, portanto, para os comunistas em seu trabalho na juventude esconderem suas concepções políticas e ideológicas, o marxismo-leninismo, e tampouco, o Partido. Como ensina Lênin, a atividade política encontra-se necessariamente vinculada aos partidos. E é o partido do futuro, o partido da sociedade nova, do comunismo, que mais pode representar e realizar as aspirações materiais e culturais da juventude, particularmente a de viver numa sociedade sem nenhum tipo de exploração e opressão." (PCR.. Documento 4. A Revolução Brasileira. O Trabalho do Partido na Juventude. Dezembro,1998)

Tudo isso está escrito no Documento 4 e não foi escrito à toa.. Analisemos, então, cada frase.

"Nosso trabalho deve ser no sentido de instruir, esclarecer e educar a juventude nas idéias de Marx, Engels, Lênin e Che e no marxismo-leninismo." (PCR. Obra citada)

Ora, não nos consta que nenhum desses camaradas, Marx, Engels, Lênin e Che, tenham aberto mão da idéia da ditadura do proletariado nem do centralismo democrático.

Continuemos:

"Para alcançar esse objetivo (transformar a juventude numa juventude revolucionária) devemos empregar nossas energias para que a juventude tenha uma concepção do mundo científica coerente com a ideologia do proletariado, com o comunismo, que a juventude conheça com profundidade o marxismo..." (PCR. Obra citada)

Ora, é evidente que propor que a ditadura do proletariado e o centralismo democrático sejam abolidos na nossa organização da juventude, além de significar não fazer nenhum esforço para que ela tenha uma concepção do mundo de acordo com a ideologia do proletariado ou que ela conheça em profundidade o marxismo, é fazer o esforço contrário ao nosso objetivo.

Mas prossigamos:

"Não há motivo para os comunistas esconderem suas concepções políticas e ideológicas, o marxismo-leninismo, tampouco o Partido." (PCR. Obra citada)

Ora, mesmo não tendo sentido e nem motivo, foi exatamente isso que foi proposto pelos companheiros que lançaram gritos convulsivos contra a essência do marxismo, a ditadura do proletariado, ao defenderem que organizássemos uma juventude revolucionária, sendo ela base para criarmos a juventude comunista revolucionária, sem o centralismo democrático. E, se é verdade (e de fato é, como disse Lênin) que não se pode falar em atividade política sem falar em atividade partidária, por que então rebaixar nosso trabalho na juventude? Por que então, em vez de nos esforçarmos para que a juventude tenha uma concepção do mundo de acordo com a ideologia do proletariado, preferir que nosso "esforço" seja por uma concepção insípida, diluída e pequeno-burguesa e que nada tenha em comum com a ideologia proletária?

Camaradas!

Esse também não é um desvio novo. Vejamos como Lênin o enfrentou em 1903, quando o Partido Bolchevique não tinha nem tomado o poder, nem construído sua juventude, o Komsolmol, nem tinha ocorrido a Revolução de 1905, quanto mais a de 1917. Mesmo assim, Lênin fazia questão de seguir o caminho revolucionário e marxista e não fazer concessões à ideologia burguesa, por menor que fossem.

Vejamos, por exemplo, o Projeto de Resolução Relativo à Juventude Estudantil, escrito por Lênin em junho de 1903 e publicado pela primeira vez em 1904:

"O segundo Congresso do Partido Operário Social-Democrata da Rússia saúda o recrudescimento da atividade revolucionária independente que se manifesta no seio da juventude estudantil e convida todas as organizações do Partido a prestarem toda a cooperação possível a essa juventude e ao seu anseio de organizar-se, e a recomendar a todos os grupos e ciclos de estudantes, em primeiro lugar, que coloquem no primeiro plano das suas atividades o forjar, entre os seus membros, de uma concepção de mundo harmônica e coerentemente socialista; e esforçar-se por chegar, por um lado, a conhecer seriamente o marxismo, e por outro, a ter um conhecimento profundo do populismo russo e do oportunismo europeu-ocidental, que são as duas tendências fundamentais entre as que atualmente se debatem na linha avançada; em segundo lugar, que se ponham em guarda contra os falsos amigos da juventude, que tratam de apartá-la da educação revolucionária séria, usando uma fraseologia revolucionária ou idealista oca e com lamentações, dignas de filisteus, acerca do dano que causam e de desnecessárias que são as polêmicas entre as correntes revolucionárias e a

oposição, já que, na realidade, o que esses falsos amigos da juventude fazem é difundir uma falta de princípios e uma atitude de frivolidade perante o trabalho revolucionário, e, em terceiro lugar, que procurem, antes de mais nada, ao passar para atividades práticas, estabelecer laços com as organizações social-democratas, para aproveitarem as suas indicações e para evitarem tanto quanto possível, erros graves, ao iniciarem seus trabalhos". (Lênin. Projeto de Resolução Relativa a Juventude Estudantil. 1903)

Eis uma resolução que nosso Partido pode perfeitamente subscrever hoje, em 1999, pois mantém-se de uma atualidade impressionante. Uma atualidade que só a toda-poderosa e exata doutrina de Marx pode ter.

Por acaso é possível forjar essa concepção do mundo harmônica e coerentemente socialista sem defender a ditadura do proletariado ou, pior, deixando que a juventude estudantil só a conheça pela boca da burguesia e dos seus meios de comunicação? Não! Não é. Tanto assim que Lênin chama a atenção da juventude estudantil para combater os falsos amigos da juventude que difundem a falta de princípios entre os jovens e uma atitude de frivolidade perante o trabalho revolucionário.

Tem mais. Vejamos agora, um resumo feito por Lênin da sua carta intitulada As Tarefas da Juventude Revolucionária também escrita em 1903 e publicada no jornal Student, nesse mesmo ano:

"Resumindo: Um determinado setor estudantil quer forjar uma concepção socialista do mundo definida e integral. A meta final deste trabalho preparatório para os estudantes desejosos de participar praticamente do movimento revolucionário só pode ser a de optar consciente e irrevogavelmente por uma das duas tendências que no momento atual existem nos meios revolucionários. E quem proteste contra essa opção em nome da unificação ideológica dos estudantes, em nome da sua orientação revolucionária em geral etc., apenas concorre para obscurecer a consciência socialista e para pregar, na realidade, a carência de idéias. A divisão dos estudantes em grupos políticos pelo menos reflete a divisão em grupos políticos de toda a sociedade e é dever de todo socialista esforçar-se por estabelecer uma distinção política, a mais consciente e conseqüente que seja possível entre os grupos heterogêneos. O apelo que partiu dos partidos socialistas revolucionários dirige-se aos estudantes para que 'proclamem a sua solidariedade com o movimento político geral e que se mantenham totalmente à margem das desavenças fracionárias dentro do campo revolucionário' é apenas, se procurarmos a essência das coisas, uma incitação a recuar, abandonando o ponto de vista do socialismo para abraçar o da democracia burguesa". (Lênin. As Tarefas da Juventude Revolucionária. 1903)

Eis, pois, a que levam os gritos convulsivos contra a instrução e a educação da juventude no marxismo-leninismo: recuar, abandonar o ponto de vista da ditadura do proletariado e do centralismo democrático para abraçar o da democracia burguesa.

Prossigamos. Bastou que defendêssemos que a juventude tem suas próprias características e essas características exigem que a juventude tenha sua própria organização de vanguarda, que alguns companheiros deram asa a sua imaginação. Voaram tanto que esqueceram até o que estava escrito no Documento 4, A Revolução Brasileira, sobre a juventude, sobre o que, mais de uma vez, disseram que nada tinham a opor mas, pelo contrário estavam totalmente de acordo. Será mesmo? Transcrevemos mais uma parte do que escrevemos sobre o Trabalho do Partido na Juventude no Documento 4:

"Mas a juventude tem suas próprias características, chega ao socialismo e à revolução de maneira diferente, por circunstâncias diferentes das gerações mais velhas. E todas essas particularidades exigem que a juventude tenha sua própria organização. Com certeza, nela, os jovens ingressarão em muito maior número e mais rapidamente. A causa do proletariado, a causa da revolução sairá dessa forma fortalecida com a criação de uma organização da juventude revolucionária e a juventude estará em condições de ser a inesgotável fonte de energia e renovação do nosso Partido.

Mas a criação da organização dos jovens comunistas de forma nenhuma pode significar a desobrigação do Partido com a educação e o trabalho na juventude. Pelo contrário, cabe ao Partido, pela sua experiência e pelo seu domínio do marxismo, prestar toda a ajuda possível, todo o apoio e orientação para que prevaleçam entre os jovens comunistas os princípios marxistas, a moral e a ideologia do proletariado revolucionário; para que os jovens comunistas combatam com decisão a filosofia burguesa, o idealismo burguês, bem como a fraseologia pseudo-revolucionária dos falsos amigos da juventude." (PCR. O Trabalho do Partido na Juventude)

É assim que está escrito no Documento 4, A Revolução Brasileira, no ponto O Trabalho do Partido na Juventude. Como é possível alguém afirmar que concorda com tudo isso, que não tem nenhuma divergência, e logo em seguida, lançar-se contra a criação de "uma juventude revolucionária, que seja fonte de energia e renovação do nosso Partido"?

Como é possível afirmar que concorda com tudo isso que escrevemos no Documento 4 e lançar-se ao mesmo tempo contra? Afinal, o trabalho do Partido deve ser para que prevaleçam entre os jovens os princípios marxistas, a moral e a ideologia do proletariado ou não? Se é, por que afirmar que a ditadura do proletariado e o centralismo democrático engessam a juventude? Será possível

concordar dessa maneira? Essa maneira de travar a luta política já é conhecida de todos nós: chama-se oportunismo.

Camaradas! A classe operária necessita bastante do apoio e do trabalho da juventude, mas de uma juventude revolucionária, de uma juventude que a ajude a vencer os preconceitos e a ignorância que grassam na sociedade capitalista, e não de uma juventude que, em vez do combate à ideologia burguesa, prefira a conciliação com ela. Só assim tem sentido falar da importância e da necessidade do trabalho do Partido Comunista Revolucionário na juventude, ou seja, para avançar e acelerar a revolução proletária.

Concluindo: o comunista, o marxista-leninista deve orientar-se unicamente pelo interesse da luta de classes e nunca pelo interesse mesquinho e oportunista de rebaixar a sua condição de comunista para não ofender ou não assustar as massas. Quando não age assim deixa de ser um comunista, um militante de vanguarda para transformar-se num falso amigo da juventude, num filisteu. Dito de outra maneira, quanto mais a vanguarda estiver consciente, firme e comprometida com a ideologia proletária, mais perto estaremos da revolução.

4. O Papel das Denúncias Econômicas e das Denúncias Políticas na Educação Revolucionária das Massas

Desde 1902, quando Lênin (então com 32 anos) publicou pela primeira vez sua obra *Que Fazer?*, os marxistas passaram a ter uma base teórica, clara e profunda de como realizar seu trabalho para elevar a consciência das massas e o papel que cumpre nesse trabalho, as denúncias econômicas e as denúncias políticas.

Com exceção dos companheiros mais novos, todos os militantes do nosso Partido já estudaram essa importante obra de Lênin. Nós próprios, por diversas vezes, debatemos esse livro em nossos coletivos. Fizemos esse estudo e temos que continuar fazendo-o. *Que Fazer?* significou para o movimento comunista uma verdadeira virada, um rompimento com todo o culto ao movimento espontâneo das massas e com o rebaixamento do papel de vanguarda do Partido Comunista. Nessa obra Lênin, pela primeira vez no movimento comunista, começa a estabelecer os fundamentos ideológicos do Partido, mostra que o Partido revolucionário para ser realmente revolucionário deve representar a fusão do movimento operário com o socialismo. É também em *Que Fazer?* que Lênin fundamenta o papel do jornal como um instrumento de propaganda, de agitação, mas também de organizador coletivo.

Ressalta Lênin, ainda, nesse seu trabalho, a importância da teoria socialista para o desenvolvimento de uma consciência revolucionária das massas e põe abaixo as teses dos oportunistas que rebaixavam o papel do elemento consciente e praticavam o culto ao espontaneísmo. A esse respeito disse Lênin em o *Que Fazer?*:

"Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário... Só um Partido dirigido por uma teoria de vanguarda pode cumprir sua missão de combatente de vanguarda." (Lênin. Que Fazer?)

É também nessa importante obra (que todos devemos sempre ter às mãos), que Lênin empreende um demolidor combate aos oportunistas no movimento operário russo e no Partido Social-Democrata, em particular aos "economistas". Mostra Lênin que a luta econômica é uma luta de tipo trade-unionista, ou seja sindical, para obter melhores condições de venda da força de trabalho aos capitalistas, e que o interesse da classe operária não é apenas obter um melhor salário, mas acabar com o sistema capitalista que condena a classe operária a viver uma escravidão assalariada. Por isso, a atividade social-democrata (comunista) não pode e não deve limitar-se ou ser principalmente a da luta econômica contra os patrões e o governo.

Em nosso II Congresso, entretanto, alguns companheiros esqueceram ou não quiseram fazer nenhum esforço para lembrar o que Lênin escreveu no Que Fazer? Preferiram ressuscitar as teses dos "economistas" russos. Portanto, é necessário aclarar as coisas nesse terreno e nada melhor para tanto do que passar a palavra ao próprio Lênin. Vejamos, assim, alguns dos trechos do capítulo Política Trade-Unionista e Política Social-Democrata, extraídos do livro Que Fazer?:

"Numa palavra, as denúncias econômicas foram e continuam a ser uma alavanca importante da luta econômica. E conservarão esta importância enquanto subsistir o capitalismo, que gera necessariamente a autodefesa dos operários." (Lênin. Que Fazer?)

Mas, lembra Lênin:

"Na realidade, (essas) denúncias diziam unicamente respeito às relações dos operários de uma dada profissão com os seus patrões e que não tinham outro resultado do que ensinar aqueles que vendiam sua força de trabalho a vender mais vantajosamente esta 'mercadoria' e a lutar contra os compradores num terreno puramente comercial." (Lênin. Que Fazer?)

Só que o papel do Partido Comunista, é maior e vai mais além do que apenas lutar para vender vantajosamente a força de trabalho ou de lutar por melhores condições de ensino, por giz, professor etc., como bem explica Lênin:

"A social-democracia dirige a luta da classe operária não só para obter condições vantajosas de venda da força de trabalho mas para que seja destruído o regime social que obriga os não possuidores a venderem-se aos ricos. A social-democracia representa a classe operária não só na sua relação com os patrões, mas também nas suas relações com todas as classes

da sociedade, com o Estado, como força política organizada. Compreende-se, portanto, que os social-democratas não só não possam circunscrever-se à luta econômica, como nem sequer admitir que a organização das denúncias econômicas constitua sua atividade predominante." (Lênin. Que Fazer?)

Em seguida, Lênin faz citação de uma resolução do Congresso da União dos Social-Democratas Russos no Estrangeiro, que diz:

"A luta econômica é o meio mais amplamente aplicável para integrar as massas na luta política ativa."

Lênin, então, pergunta:

"Será certo que a luta econômica é em geral 'o meio mais amplamente aplicável' para integrar as massas na luta política?." (Lênin. Que Fazer?)

E o próprio Lênin responde:

"Isso é falso de ponta a ponta. Medidas não menos amplamente aplicáveis para tal integração são todas e quaisquer manifestações da opressão policial e dos desmandos da autocracia e de modo algum apenas as manifestações ligadas à luta econômica." (Lênin. Que Fazer?)

Vejam os exemplos da integração das massas na luta política, não por meio da luta econômica e sim por meio de uma manifestação da opressão do regime militar. Falamos da greve pela libertação do companheiro Cajá. Nessa época, 1978, o movimento estudantil em Pernambuco estava dividido em duas correntes políticas e ideológicas. De um lado, os que se agrupavam em torno da Política Operária (PO) e defendiam que o modo mais aplicável de integrar as massas estudantis na luta política eram as denúncias econômicas, a luta contra a PEG (Política Educacional do Governo); de outro lado, estavam os estudantes que se agrupavam em torno do PCR, corrente majoritária, e que defendiam a necessidade de travar as lutas específicas e acadêmicas, mas considerava que a melhor forma de integrar os estudantes na luta política eram as denúncias políticas, a luta pelas liberdades democráticas e pela derrubada da ditadura militar. Estudante da UFPE, Cajá é preso acusado de subversivo, comunista e de pertencer ao PCR. Imediatamente, a juventude estudantil do PCR se reúne e decide empreender uma vigorosa e ampla denúncia da prisão e da tortura que Cajá estava sofrendo dos órgãos de repressão; denuncia, também, a incomunicabilidade de Cajá, que impedia até sua mãe de visitá-lo; Ao lado de toda a denúncia sobre a prisão de Cajá, a juventude estudantil do PCR, através de panfletos, cartazes, faixas, passagem nas salas de aula, assembleias, manifestações, etc., denuncia todos os crimes políticos da ditadura militar, os assassinatos de vários estudantes, operários e revolucionários no Brasil, bem como, denuncia o caráter

fascista do regime militar e levanta as bandeiras da anistia e da liberdades democráticas.

A campanha de denúncias políticas levada a cabo pelos estudantes do PCR, faz crescer a indignação contra a prisão de Cajá e contra a ditadura. A juventude estudantil do PCR defende greve geral pela libertação de Cajá, pelo fim da tortura e da incomunicabilidade. A greve, que começou pelo curso de Ciências Sociais, curso que Cajá freqüentava, se alastrou e atingiu toda a UFPE. Depois, a Universidade Rural e a Universidade Católica entraram em greve, também tendo na vanguarda os estudantes do PCR nessas universidades. Greves e manifestações se espalharam pelo Brasil afora. Em menos de 10 dias, milhares e milhares de estudantes estavam integrados na luta política.

Que lição podemos tirar de tudo isso? Acaso que são as denúncias econômicas "o meio mais aplicável de levar as massas à luta política"? Com certeza, não. A lição que podemos tirar é a de que as denúncias políticas são um meio muito mais amplamente aplicável de integrar as massas na luta política que as denúncias e a luta econômica. Aprendemos com a experiência do movimento operário russo, com a obra de Lênin *Que Fazer?*, ou seja, com o leninismo, mas também com a nossa própria experiência.

Voltemos ao *Que Fazer?*. Lênin volta a perguntar:

"Para que então restringir de antemão a amplitude da agitação política declarando como o 'mais amplamente aplicável' só um dos meios, ao lado do qual, para um social-democrata, se devem colocar outros que, falando em geral, não são menos 'amplamente aplicáveis?'" (Lênin. Que Fazer?)

Em seguida, Lênin faz citação de um artigo de Martinov, chefe dos "Economistas" russos que diz:

"Atualmente, aos social-democratas coloca-se a tarefa de imprimir à própria luta econômica, dentro do possível, um caráter político".

Mais a frente, Lênin combate essa tese de "imprimir à luta econômica um caráter político", diz ele:

"'Imprimir à própria luta econômica um caráter político' significa, portanto, procurar a satisfação dessas mesmas reivindicações profissionais, dessa mesma condição de trabalho em cada profissão por intermédio de 'medidas legislativas e administrativas'. É o que fazem e o que sempre fizeram todos os sindicatos operários..." (Lênin. Obra citada)

"Deste modo, a frase pomposa 'imprimir à própria luta econômica um caráter político', que soa de maneira 'terrivelmente' profunda e

*revolucionária, dissimula, no fundo, a tendência tradicional para rebaixar a política social-democrata ao nível da política sindicalista....
De fato, a frase 'imprimir à própria luta econômica um caráter político' nada mais contém do que a luta pelas reformas econômicas."*

Ridicularizando essa pomposa frase, 'imprimir a luta econômica um caráter político' Lênin lembra que a própria polícia fascista se encarrega muitas vezes de ser ela própria que confere à luta econômica um caráter político ao reprimir uma greve ou manifestação.

Continuando, Lênin mostra a diferença na luta pelas reformas entre os reformistas e os comunistas:

"A social-democracia sempre incluiu e continua a incluir no quadro de suas atividades a luta pelas reformas. Mas usa a agitação "econômica" não só para exigir do governo toda espécie de medidas, mas também para que ele deixe de ser um governo autocrático. Além disso, considera ser seu dever apresentar ao governo esta exigência, não só no terreno da luta econômica mas também no terreno de todas as manifestações em geral da vida política e social. Numa palavra, subordina a parte ao todo, a luta pelas reformas à luta revolucionária pela liberdade e o socialismo." (Lênin. Obra citada)

E conclui Lênin:

"A luta econômica contra o governo é precisamente a política sindicalista, que está a uma distância muito grande, mas muito grande mesmo, da política social-democrata." (Lênin. Obra citada)

Mais a frente, Lênin esclarece o papel e a importância das denúncias políticas na atividade dos comunistas:

"Na realidade, só se pode 'eivar a atividade da massa operária' desde que não nos circunscrevamos à agitação política no terreno econômico. E uma das condições essenciais para essa extensão indispensável da agitação política é organizar denúncias políticas que abarquem todos os terrenos. A consciência política e a atividade revolucionária das massas não podem ser educadas senão com base nestas denúncias... A consciência da classe operária não pode ser uma verdadeira consciência política se os operários não estão habituados a reagir contra todos os casos de arbitrariedade e opressão, de violências e abusos de toda espécie, quaisquer que sejam as classes afetadas... A consciência das massas operárias não pode ser uma verdadeira consciência de classe se os operários não aprenderem, com base em fatos e acontecimentos políticos concretos..." (Lênin. Obra citada)

E, para não deixar pedra sobre pedra, diz Lênin:

"Já vimos que a realização da mais ampla agitação política e, por consequência, a organização de denúncias políticas em todos os aspectos, constituem uma tarefa absolutamente necessária, a tarefa mais imperiosamente necessária da atividade, sempre que esta atividade seja verdadeiramente social-democrata." (Lênin. Obra citada)

Para finalizar, esclarece Lênin:

"A luta econômica 'leva' os operários a pensar única-mente nos problemas relacionados com a atitude do governo em relação à classe operária; por isso, por mais que nos esforcemos na tarefa de 'imprimir à própria luta econômica um caráter político', nunca poderemos, dentro dos limites de tal tarefa, desenvolver a consciência política dos operários (até o grau de consciência política social-democrata) porque esses próprios limites são estreitos." (Lênin. Obra citada)

E:

"Numa palavra, todo secretário de sindicato trava e ajuda a travar a 'luta econômica contra os patrões e governo'. E nunca será demais insistir que isto não é ainda atividade comunista, que o ideal do comunista não deve ser o secretário de trade-union, mas o de um tribuno popular que saiba reagir contra toda a manifestação de arbitrariedade e opressão..." (Lênin. Obra citada)

Aliás, como afirmamos no Documento 4, A Revolução Brasileira, a tarefa central hoje para todos os militantes sejam operários, estudantes, médicos, advogados é realizar uma ampla campanha de denúncias políticas dos crimes do governo de FHC contra os trabalhadores, os camponeses, a juventude, contra o Brasil. Uma ampla denúncia de todos os atentados do governo contra os direitos dos trabalhadores, contra a democracia e a independência nacional.

Mais: o governo dos capitalistas perde força e se desmoraliza dia a dia. É inegável. Vivemos, assim, um momento especial e quanto mais longe for nossa atividade comunista, quanto mais consigamos realizar essa campanha de denúncias políticas, mais cedo ganharemos as massas para lutar pela derrubada desse governo e colocar em seu lugar o Governo Revolucionário dos Trabalhadores. Sem essa atividade, sem uma ampla campanha de denúncias políticas, como podemos proceder a uma agitação ampla do Governo dos Trabalhadores e do Programa da Revolução Brasileira que aprovamos no II Congresso?

Portanto, cada militante de nosso Partido deve, sem mais demora, lançar-se a essa tarefa: realizar uma ampla denúncia do caráter de classe desse governo,

denunciar seus crimes e promover a agitação política em torno do programa da revolução brasileira e da palavra de ordem do Governo Revolucionário dos Trabalhadores.

E, embora já tenhamos afirmado, mas não é demais repetir e insistir, essa campanha de denúncias políticas visa atingir todas as classes. Nós comunistas, a fazemos do ponto de vista da nossa classe, a classe operária, ou seja, denunciando o caráter burguês desse governo e defendendo sua substituição por um governo socialista. Não há outro meio mais amplamente aplicável para que as massas de milhões de homens compreendam a necessidade da revolução, do que as denúncias políticas.

Camaradas! Depois de tudo isso, será possível que alguns de nós, se chamem, a si próprios de leninistas, e continuem a defender as frases pomposas, porém ocas, dos "economistas" e oportunistas, como a melhor forma de elevar a consciência das massas no sentido de fazer uma revolução política? Sem dúvida que não! Pelo contrário, depois de tudo isso, chegamos à conclusão da necessidade de promover uma verdadeira revolução em todo nosso trabalho de propaganda, de agitação e de organização entre as massas. Daí que, se a decisão de criar, ou melhor, de retomarmos nosso jornal, proposta pelo CC no Documento 4 e aprovada no nosso II Congresso, era urgente, torna-se urgente-urgentíssima!

5. As Massas e a Vanguarda. O Partido, Os chefes e mais uma vez a Confusão

Tal confusão sobre qual deve ser o principal na atividade dos comunistas, se as denúncias econômicas, se a luta contra a política educacional do governo ou se as denúncias políticas, acabou por levar a uma confusão ainda maior. Não podia ser diferente. Os companheiros que rebaixam a atividade dos comunistas, ao pensar em formar uma organização de revolucionários, terminam por rebaixar, também, o papel e o caráter dessa organização.

Em outras palavras, para que o Partido necessita de uma organização de jovens? Para lutar, responderão. Mas para que luta: para a luta econômica ou para a luta pelo fim do capitalismo e pela ditadura do proletariado? Para as duas, responderão agora. E, sem saber, ficam ainda mais enrolados.

Explicamos. Se nós, comunistas, necessitamos de uma organização para fazer uma revolução, é evidente que essa organização deve ser formada de jovens que compreendam a necessidade e desejem lutar por uma revolução, deve ser formada por jovens revolucionários.

Por outro lado, se o objetivo é a luta econômica, é obter um aumento de salário, uma reforma na escola etc., ou seja, determinadas "melhorias", necessitamos de uma organização sindical. As massas se agrupam, no geral, nas entidades sindicais. A vanguarda, ou seja, a parcela da massa mais ativa, mais consciente, mais firme, mais avançada, que entende a necessidade da revolução para acabar com a exploração, com a miséria, com a fome, com o desemprego etc., essa

necessita de uma organização de revolucionários. Assim tem sido e assim ensina a experiência do movimento comunista internacional.

Portanto, se divergimos sobre qual deve ser a principal atividade dos comunistas, vamos divergir também sobre qual o tipo de organização que queremos formar. E foi isso que aconteceu. E foi por isso que alguns companheiros, no II Congresso, abandonaram os conceitos leninistas e os substituíram por palavrinhas da moda. É verdade que da moda de 25 anos atrás e uma moda que nada tinha e continua sem ter nada em comum com o marxismo-leninismo. Usaram esses conceitos com tal desenvoltura, que esqueceram até que eram leninistas.

Camaradas, é necessário que falemos todos a mesma língua, pois estamos construindo um Partido e não uma "torre de babel" e muito menos uma "tendência" para algo desconhecido.

O que são massas e o que é vanguarda? Será mesmo que existe essa tal de massa avançada, que nem é massa e nem vanguarda e, portanto, necessita de uma outra forma de organização, diferente da organização das massas e diferente da organização da vanguarda, dos revolucionários? Chamemos novamente Lênin para aclarar as coisas e acabar com a embrulhada dos companheiros. Começemos primeiro pela definição de Lênin sobre "as massas" .

"Estou falando há muito tempo; por isso desejaria dizer apenas umas palavras sobre o conceito de 'massas'. O conceito de 'massas' é variável, segundo o caráter da luta. No começo da luta bastavam vários milhares de verdadeiros operários revolucionários para que se pudesse falar de massas. Se o partido, além de levar à luta seus militantes, consegue mobilizar os sem-partido, isto já é o começo da conquista das massas. Durante nossas revoluções houve casos em que alguns milhares de operários representavam a massa. Na história de nosso movimento, na história de nossa luta contra os mencheviques, encontrareis muitos exemplos em que bastavam em uma cidade alguns milhares de operários para tornar evidente o caráter maciço do movimento. Se alguns milhares de operários sem-partido que habitualmente levam uma vida plácida e arrastam uma existência lamentável, que nunca ouviram falar de política, começam a atuar revolucionariamente, já tendes ante vós a massa. Se o movimento se estende e se intensifica, paulatinamente vai se transformando em uma verdadeira revolução. Isto vimos em 1905 e 1917, durante as três revoluções, e vós também tereis ainda ocasião de vos convencer disto. Quando a revolução já está suficientemente preparada, o conceito de 'massas' já é outro: alguns milhares de operários já não constituem a massa. Esta palavra começa a significar outra coisa. O conceito de massa muda no sentido de que por ele se entende uma maioria, não uma simples maioria de operários, mas a maioria de todos os explorados." (Lênin. III Internacional Comunista.)

Vemos, portanto, que o conceito de massas é variável. No começo da luta bastam milhares de operários revolucionários e já podemos falar de massas. Quando o Partido consegue mobilizar os sem-partido, isso já é começo da conquista das massas. Vejam, mobilizar os sem-partido é o começo da conquista das massas. Em nenhum momento diz Lênin que os sem-partido é o começo de massa avançada.

Continuemos. Diz Lênin: *"Na história de nosso movimento, na história de nossa luta contra os mencheviques, encontrareis muitos exemplos em que bastavam em uma cidade alguns milhares de operários para tornar evidente o caráter maciço do movimento"*. Vejam, alguns milhares e, em determinadas situações, já se pode falar em caráter maciço do movimento.

Mais à frente, Lênin afirma: *"Quando a revolução já está suficiente-mente preparada"* (o que infelizmente não é nossa situação atual mas será, sem dúvida,) o conceito de massas já é outro: *"Alguns milhares já não constituem a massa. Esta palavra começa a significar outra coisa"*.

Mas essa outra coisa não é a massa avançada. Essa outra coisa é, segundo Lênin, a maioria de todos os explorados.

Adiante, Lênin inclusive vai mais longe e afirma:

"Não excluo de modo algum que a revolução possa ser iniciada também por um partido muito pequeno e levada à vitória." (Lênin. *Obra citada.*)

E conclui dizendo:

"Mas, para a vitória, para conservar o poder, é necessária não só a maioria da classe operária, mas também a maioria da população trabalhadora e rural explorada." (Lênin. *Obra citada.*)

Assim, podemos fazer a revolução triunfar mesmo com um partido muito pequeno, mesmo com uma vanguarda pequena, desde que essa vanguarda não seja amorfa, mas sim um vanguarda unida, disciplinada, coesa, firme e conte com o apoio e a simpatia da maioria das massas.

Também no Que Fazer? Lênin, ao expor as diferenças entre as organizações de massas e de vanguarda, em nenhum momento fala da necessidade de um terceiro tipo de organização novinha em folha. Pelo contrário, Lênin fala de dois tipos de organização: as organizações de massas e a organização de vanguarda e estabelece as diferenças entre elas. Vejamos:

"A luta política da social-democracia é muito mais ampla e mais complexa do que a luta econômica dos operários contra os patrões e o governo. Do mesmo modo (e como conseqüência disto), a organização de um partido social-democrata revolucionário deve ser, inevitavelmente, de um gênero diferente da organização dos operários para a luta econômica. A organização dos operários deve ser, em primeiro lugar, sindical; em segundo

lugar, deve ser o mais ampla possível; em terceiro lugar, deve ser o menos clandestina possível (aqui e no que se segue, refiro-me, bem entendido, apenas à Rússia autocrática). Pelo contrário, a organização de revolucionários deve englobar, antes de tudo e sobretudo, pessoas cuja profissão seja a atividade revolucionária (por isso falo em organização de revolucionários, pensando nos revolucionários social-democratas). Perante esta característica geral dos membros de uma organização, deve desaparecer por completo toda a distinção entre os operários e os intelectuais, para não falar já da distinção entre as diferentes profissões de uns e outros. Necessariamente, esta organização não deve ser muito extensa, e é preciso que seja o mais clandestina possível."
(Lênin. *Que Fazer?*)

Como está claro, Lênin distingue bem os dois tipos de organização. A organização dos operários, das massas, deve ser sindical, a mais ampla possível e a menos clandestina possível. Lênin adverte, ao dizer "a menos clandestina possível" que leva em conta as condições da ditadura czarista. Nela, na organização dos operários, podem e devem participar não só os operários comunistas, mas os anarquistas, os reformistas, os sem-partido, os religiosos, os ateus, etc.. Não existe restrição ideológica nenhuma. Já a organização da vanguarda, deve englobar antes de tudo os revolucionários e não deve ser muito extensa. Por que então vamos criar uma terceiro tipo de organização que nem é de massa nem é de vanguarda e não tem definição ideológica ou pensa que não tem? A organização de que os comunistas necessitam é uma organização de vanguarda, de revolucionários. Como diz Lênin, a moral é simples:

"A moral é simples: se começarmos por estabelecer de uma maneira sólida uma forte organização de revolucionários, podemos assegurar a estabilidade do movimento no seu conjunto e atingir, simultaneamente, os objetivos social-democratas (comunistas) e os objetivos propriamente sindicalistas."
(Lênin. *Obra citada*)

Vejamos, agora, a definição de Lênin do que é vanguarda, ou seja, a minoria organizada e consciente:

"Que representa uma minoria organizada? Se esta minoria é realmente consciente, se sabe conduzir atrás de si as massas, se é capaz de dar resposta a cada uma das questões colocadas na ordem-do-dia, então essa minoria é em essência, o Partido." (Lenin. II Internacional Comunista)

Também, em seu livro "A Doença Infantil do Comunismo, o Esquerdismo", Lênin define assim os passos necessários para a revolução triunfar:

"A vanguarda proletária está ideologicamente conquistada. Isto é o principal. Sem isto é impossível dar sequer o primeiro passo para a vitória." (Lênin. t. 5)

E,

"A tarefa imediata da vanguarda consciente, isto é, os partidos, grupos e tendências comunistas no movimento operário internacional consiste em saber levar as amplas massas (hoje, ainda, na maior parte dos casos, adormecidas, apáticas, rotineiras, inertes, não despertadas) para esta sua nova posição, ou melhor, em saber dirigir não só o seu próprio partido, mas também essas massas..." (Lênin. t. 5)

Assim falava e escrevia Lênin. Falava clara e profundamente e com base no marxismo. Tendências comunistas, pois, têm tendências para a reação, para a confusão etc. Não basta falar em tendência, é necessário afirmar para que tende ou para onde tende. E se tende para o comunismo, o nome correto para essa tendência é vanguarda. Por que esse temor à palavra vanguarda? Por que criar uma "nova"?

Criar novos conceitos, ou melhor, ressuscitar conceitos e palavrinhas da moda de 25 anos atrás, é próprio da ideologia pequeno-burguesa e da resistência a assumir a ideologia do proletariado. Esses novos-velhos conceitos, como não tem base no marxismo nem no leninismo, só servem para criar confusão, para afastar o Partido, a vanguarda, a minoria organizada e consciente da teoria científica do marxismo-leninismo. Como afirma o próprio Lênin, para termos uma vitória ideológica e política completa sobre o oportunismo, a primeira tarefa é atrair a vanguarda consciente do proletariado para o poder soviético e para a ditadura do proletariado. Nos parece evidente que os companheiros procederam exatamente ao contrário.

Pode ser, agora, que esses companheiros digam que era apenas confusão, nada mais que confusão. E que, logo logo, as coisas ficarão claras. Bem, aguardemos.

Camaradas!

Desde que rompemos com o oportunismo de direita e depois com o doutrinário de esquerda, que começamos a chamar cada coisa pelo seu nome. Para isso, realizamos um grande esforço para compreender e dominar o marxismo, em particular o marxismo da época do imperialismo, o leninismo.

Em pouco mais de dois anos, escrevemos e publicamos O Materialismo Dialético e a Revolução Proletária; A Saída para a Crise do Capitalismo é a Revolução Proletária; A Revolução Brasileira; os Estatutos do Partido; estudamos em todos os coletivos a obra A História do Partido Bolchevique da URSS e os Fundamentos do Leninismo; realizamos 4 cursos sobre O Materialismo Dialético e o

Materialismo Histórico, além de termos publicados dezenas de artigos e textos de Lênin, Che e Stálin pelas Edições Rebelião. É possível que alguém pergunte: não será muita teoria?

Mas quando vemos alguns companheiros no II Congresso expressarem essas palavrinhas da moda e essa confusão teórica, já não mais nos perguntamos, afirmamos: quanta falta faz a teoria revolucionária! De fato, se queremos fazer a revolução temos que definitivamente entender e compreender o que disse Lênin:

"Só um partido guiado por uma teoria de vanguarda pode desempenhar o papel de combatente de vanguarda." (Lênin. Que Fazer?)

Camaradas!

Todas essas "confusões teóricas" mostram a necessidade de empreendermos um estudo ainda maior do marxismo-leninismo, de dominarmos a teoria científica do socialismo e assumirmos profundamente a ideologia do proletariado, o marxismo. Até porque, como afirmou Lênin:

"Um revolucionário mole, vacilante nos problemas teóricos, de horizontes limitados, que justifica a sua inércia com a espontaneidade das massas, mais parecido com um secretário de sindicato do que com um tribuno popular, sem um plano audacioso e de grande alcance que imponha respeito até aos seus adversários, inexperiente e inábil na arte profissional (a luta contra a polícia política) não é, desculpai, um revolucionário, mas um pobre artesão". (Lênin. Que Fazer?)

Lembremos ainda, as palavras de Engels que citamos no Documento 4:

"Em particular, os dirigentes devem instruir-se cada vez mais em todas as questões teóricas, libertar-se cada vez mais da influência da fraseologia tradicional, própria da antiga concepção do mundo, e ter sempre presente que o socialismo, desde que se tornou uma ciência exige ser tratado como ciência, isto é, estudado."

Portanto, o uso irrefletido e incoerente dessas palavrinhas e de alguns conceitos que não são marxistas pode parecer, a algum desavisado, não constituir nenhum grave dano. Mas na medida que esses conceitos nos afastam do poder soviético e da ditadura do proletariado, que não contribuem para formar um Partido Comunista e para a conquista ideológica da vanguarda do proletariado, causam na verdade um grande dano a nossa causa e devemos, assim, combatê-los sem vacilações.

6. Liberdade de Grupos ou Disciplina Férrea?

Camaradas!

O II Congresso do PCR constituiu-se na maior vitória de nosso Partido nos últimos anos. Desde a sua convocação pelo Comitê Central até a sua realização, foram dois anos de intensos e profundos debates e de grande crescimento do nosso Partido. O Comitê Central que conduziu o Partido até o II Congresso merece nossas congratulações pelo trabalho realizado.

Como já dissemos, os documentos O Materialismo Dialético e a Revolução Proletária; A Saída para a Crise do Capitalismo é a Revolução Proletária; os Estatutos e A Revolução Brasileira, a estratégia, a tática e o programa dos comunistas revolucionários tiveram papel decisivo na elevação do nível teórico, político e ideológico dos militantes, ao mesmo tempo que contribuíram para que a luta política e ideológica ocorresse em nível bastante elevado.

Todo esse amplo debate acerca das teses apresentadas pelo CC ocorreu com grande participação do conjunto dos militantes e dentro dos princípios da democracia proletária.

O II Congresso do PCR cumpriu plenamente seus objetivos. Em primeiro lugar, elevou o nível teórico, político e ideológico de todos os militantes; em segundo lugar, nos permitiu compreender em profundidade a atual fase do imperialismo capitalista e a grave crise que vive o capitalismo mundial neste final de século XX; em terceiro lugar, definiu de forma clara a tática, a estratégia e o caráter socialista da Revolução Brasileira, bem como, as tarefas principais do Partido hoje; em quarto lugar, aprovou os nossos estatutos e, em quinto lugar, resgatou a dialética materialista, a filosofia marxista, colocando o nosso Partido na trincheira avançada da luta contra toda e qualquer adulteração do marxismo-leninismo.

Um novo e vigoroso Partido saiu, sem dúvida, do II Congresso.

Viva o II Congresso do PCR!

Entretanto o II Congresso teve também suas imperfeições. Já vimos uma parte delas, que foram as "confusões teóricas" apresentadas por alguns companheiros. Tratemos agora de outra: a formação de um grupo no II Congresso.

Camaradas!

Como sabemos, todos os documentos do CC ao II Congresso foram aprovados por unanimidade no Comitê Central. Nenhum membro do CC manifestou qualquer insatisfação ou discordância com alguma das teses ali defendidas. Como também sabemos, no documento 4, existe um ponto intitulado O Trabalho do Partido na Juventude. Em todas as conferências estaduais e em todos os coletivos, não se manifestou nenhuma divergência quanto a esse ponto e à tese ali defendida.

Mas, de repente, o camarada Fernando, membro do CC, após o informe apresentado pelo Comitê Central sobre o trabalho do Partido na Juventude, declarou, para surpresa quase que geral, que tinha divergências com relação a esse informe. Que será que aconteceu para o camarada mudar, tão rápida e inesperadamente, de posição?

Será que, no dia do Congresso, o companheiro Fernando teve uma inspiração celestial ou uma revelação divina, e essa dizia-lhe que deveria discordar do informe do CC sobre a juventude?

Como somos materialistas dialéticos, não podemos acreditar que foi uma revelação. Trata-se de oportunismo e desonestidade na luta política. O companheiro tinha uma posição, mas preferiu escondê-la do CC, preferiu não divulgá-la numa tribuna, preferiu angariar adeptos para ela, não através de uma luta política aberta e franca, mas através do que popularmente se chama "por debaixo do pano".

O que levou o camarada Fernando a proceder dessa maneira? Por que o camarada não enfrentou no CC a luta política? Se o camarada já tinha essa concepção e tinha; conversou sobre ela com militantes que não eram do seu organismo e conversou, por que não debateu com os membros do seu organismo, com os membros do Comitê Central? Será que somos tão terríveis assim?

Vejam a incoerência, própria de quem foge à luta política: está de acordo com o documento 4, inclusive com o ponto O Trabalho do Partido na Juventude. Mas não está de acordo e tem uma grande divergência com o informe do CC apresentado no II Congresso sobre o trabalho na juventude. Entenda quem puder! Concorde com a linguagem escrita, mas não concorda com a linguagem oral. O companheiro deve ter esquecido que a escrita foi um passo adiante na forma de expressão e comunicação do ser humano, mas surgiu como um desenvolvimento e, portanto, tendo como base essa linguagem oral que, agora, o companheiro odeia tanto.

Camaradas!

Temos dados suficientes e mais que suficientes para afirmar que o camarada Fernando comportou-se de maneira desonesta e oportunista na luta política e ideológica em nosso Partido. Vamos a alguns desses dados:

1- A acusação feita pelo camarada, no II Congresso, de que o texto para o I Congresso da Juventude Rebelião foi entregue apenas no dia para evitar a discussão política, é mentirosa e falsa. O congresso da Rebelião aconteceu apenas um mês antes do II Congresso do Partido. Todo o CC estava ocupado nas tarefas de preparação para o Congresso. O Documento 4 nem estava finalizado quando foi marcado o congresso da Juventude Rebelião. O companheiro, ao divulgar essa mentira, procurou criar um clima de desconfiança no Partido em relação a seus dirigentes. Como se deve qualificar tal atitude? Ao proceder dessa maneira, o companheiro não só fugiu da luta política aberta, como procurou rebaixar o debate ideológico e teórico sobre o trabalho na juventude.

2 - Na proposta de mesa para o II Congresso que o companheiro Fernando apresentou no CC, o único membro do Comitê Central que fazia parte da mesa era ele. A proposta, portanto, excluía todos os outros membros do CC, ou seja, excluía os camaradas Cajá, Lula e Guilermo. Por quê?

3- O camarada Fernando escondeu sua divergência no Comitê Central. Aprovou, sem nenhum reparo, o Documento 4, no ponto de juventude. O companheiro

divergia, mas deu a entender que estava de acordo. Não apresentou sua opinião aos membros do CC, mas conversou, com companheiros que não eram do seu organismo, sobre sua posição. Como explica isso?

4- Durante o II Congresso, os camaradas jovens do Partido solicitaram permissão para fazer uma reunião. Todos os camaradas assistentes foram de acordo. Apenas o camarada Fernando exigiu como condição que ele participasse da reunião. Por quê razão o companheiro temia a reunião dos camaradas jovens sem sua presença?

5- No Congresso, o camarada foi mais longe. Decidiu por formar um grupo contra as posições defendidas pelo CC. Esse grupo*, comandado por Fernando e Alcí, decidiu quem devia se inscrever para defender a proposta, como redigi-la etc. etc.

Paremos aqui para examinar a questão da liberdade de grupos num Congresso de um Partido Comunista.

Formou-se um grupo no Congresso. Não há dúvida. E não há como tergiversar sobre isso.

Perguntamos: formar grupo no Congresso é uma atitude marxista, contribui para a coesão do Partido e para sua unidade ou enfraquece a unidade do Partido, a sua coesão e é, portanto, uma atitude antimarxista?

Em todos os coletivos foi assegurado amplo direito de debater, de divergir e de apresentar propostas. O mesmo ocorreu no CC. O mesmo também foi assegurado nas conferências estaduais e no II Congresso. Cada delegado, expressou aberta e claramente seu ponto de vista.

Mas quando se esconde uma posição, não se a apresenta aos companheiros do seu organismo, embora a apresente aos que não são; quando se articula organizadamente para defender uma proposta, inclusive definindo quem defende e quem bate palmas; quando se faz acusações mentirosas e falsas; quando se age desonestamente na luta política, isso nada tem de democracia. Isso nada tem de legítimo. Isso é trabalhar para instaurar a anarquia no Partido e em seu Congresso.

No Partido não podem existir frações. Muito bem! Estamos de acordo.

No Partido não podem existir grupos. Muito bem! Também, estamos todos de acordo.

Mas no congresso pode. Entenda quem puder!

Ora, se até o "grupo" do Comitê Central é dissolvido no Congresso, com que direito e para que se forma outro?

É evidente que não podemos concordar com tal concepção de democracia. Um partido que aceita formar grupos no Congresso não pode ser chamado de marxista-leninista e, por isso mesmo, não vai a lugar nenhum.

*Os fatos mais recentes comprovam inteiramente a existência desse grupo formado por Fernando, Alcí, Dulcilene e Jeferson, e, também, seu caráter: trata-se de um grupo de renunciadores da revolução e da luta revolucionária.

Camaradas!

Pouco importa aqui qual a verdadeira intenção que teve o camarada Fernando. Como disse o camarada Lênin:

"Quem debilita, por pouco que seja, a disciplina férrea do partido do proletariado (particularmente na época da sua ditadura), ajuda de fato a burguesia contra o proletariado." (Lênin. A Doença Infantil no Comunismo, o Esquerdismo. t. 5)

Formar grupos no Congresso do Partido é uma atitude antimarxista, debilita e enfraquece a unidade do Partido. Disso todos os delegados são testemunhas.

Se é verdade que temos que ser compreensivos com os jovens militantes, é verdade também que não devemos ter nenhuma piedade com os companheiros velhos que praticam tais atos, aqueles que têm o dever de instruir e educar os mais jovens nos princípios do leninismo e não da anarquia.

Não se pode dizer-se comunista e não se comportar como tal. A desonestidade e o oportunismo na luta política é incompatível com a ideologia proletária.

O camarada Fernando procedeu de maneira oportunista. Sua atuação, em vez de contribuir para a coesão do Partido, contribuiu para debilitar sua unidade. Trata-se aqui, também, de um desvio pequeno-burguês. Lênin disse que desvios são coisas que ainda não estão definidas, portanto podem ser corrigidas. Esperamos que o camarada supere esses desvios e assuma, sem vacilação, a ideologia proletária.

Camaradas!

Temos um grande trabalho pela frente. Criar centenas de organizações revolucionárias, conquistar a direção dos sindicatos operários, dos trabalhadores rurais, das entidades estudantis, educar e elevar a consciência e a organização das massas populares e dos trabalhadores. Como vemos, nossas tarefas são imensas, mas temos todas as condições de cumpri-las. E vamos cumpri-las.

Recordemos o que escrevemos no documento 2, A Saída para a Crise do Capitalismo:

"Só é possível pensar em revolução se tivermos um partido combativo, um partido revolucionário, um partido que não tema a luta de classes e, pelo contrário, a leve às últimas conseqüências. Um partido que seja um destacamento de vanguarda da classe operária, que marche à sua frente e que seja temperado no fogo da luta de classes. Um Partido que dirija seu trabalho para que a classe operária e as massas populares tomem

consciência da necessidade da revolução e da tomada do poder". (PCR. A Saída para a Crise do Capitalismo é a Revolução Proletária)

Recordemos, também, o que escrevemos no Documento 1, O Materialismo Dialético e a Revolução Proletária:

"Assim, com o crescimento da miséria, do desemprego, da pobreza e da opressão, crescem também a indignação e a revolta das massas trabalhadoras, colocando a necessidade da revolução proletária mundial. Conseqüentemente, desenvolver o movimento revolucionário é tarefa central e, para fazê-lo, é essencial o resgate da verdadeira doutrina de Marx, Engels e Lênin, o marxismo-leninismo, libertando-a de qualquer oportunismo e esclarecendo e desenvolvendo a consciência das massas no sentido da revolução e da libertação do jugo capitalista." (PCR. O Materialismo Dialético e a Revolução Proletária).

Camaradas!

Não há outro caminho. Só um Partido férreo, temperado na luta, educado no marxismo revolucionário e que tenha conquistado a confiança das massas, em particular da classe operária, pode vencer a ditadura da burguesia. Educar nossos militantes com base no marxismo revolucionário, no marxismo-leninismo, e forjar nossos quadros no fogo da luta de classes, eis o que temos que fazer. Só assim construiremos um partido preparado para fazer a guerra e vencê-la. Guerra essa que, como sabemos, aproxima-se com grande rapidez dado o aprofundamento da crise do imperialismo e o agravamento das contradições fundamentais do capitalismo.

Portanto, de uma vez por todas, e antes que seja tarde, necessitamos varrer do Partido todas as concepções pequeno-burguesas e todos os receios de esmagar a ideologia burguesa e o seu Estado. Nenhum partido revisionista tornou-se revisionista num passe de mágica. Foi um processo longo no qual a ideologia pequeno-burguesa foi penetrando dentro do Partido, ganhando corpo e adeptos. Sem combater e travar uma luta implacável no terreno ideológico e político contra o revisionismo de direita e de esquerda é impossível avançar ideologicamente e cumprir nosso papel de vanguarda dos trabalhadores e do povo na Revolução Socialista, revolução que, sabemos, é uma luta encarniçada, feroz, sangrenta e cruel contra os exploradores.

Estamos ainda longe de ter ajustado contas com o oportunismo de direita e com o doutrinário de esquerda. Estamos longe, mas estamos mais preparados, com mais consciência e mais determinação para fazê-lo, do que em qualquer outra época. Levaremos essa luta em frente, pois temos certeza de que só assim construiremos um verdadeiro partido proletário.

Como ensina Stálin, em política, para não se equivocar, é necessário manter uma política proletária, de classe, intransigente e não uma política reformista.

Viva o II Congresso do PCR!
Socialismo ou Morte! Venceremos!

Recife, 4 de março de 1999

Comitê Central
Partido Comunista Revolucionário
(Aprovado pelo Comitê Central do PCR em 15 de janeiro de 2000)

www.pcrbrasil.org